

ENTREVISTA

Nayara Ferreira Araujo Alves

“Dá muito orgulho colocar no currículo que faço Direito na Universidade de São Paulo.”

Nayara Ferreira Araujo Alves entrou em 2010 no curso de Direito da São Francisco. Em 2013 passou um ano em intercâmbio na Alemanha. Aqui ela fala de suas experiências em estágios e de seus planos para a atividade profissional na área que escolheu, Arbitragem em Contratos de Comércio Internacional. Ela também fala de seus projetos para o futuro: com mais uma graduação e também trabalho no exterior.

JC – Como você veio até o Colégio Etapa?

Nayara – Estudei num colégio particular em Barueri que utilizava o Sistema Etapa. Eu gostava bastante, daí vim estudar aqui.

E como você decidiu-se pela carreira de Direito?

Minha mãe é advogada e minha tia trabalha no fórum. Então, o assunto lá em casa era processo, processo, processo. Mas eu não gostava e falava que nunca ia fazer Direito. Só que minha mãe sempre teve um secretário e num dado momento, em 2006, ela precisou de ajuda porque o secretário se demitiu. Eu fui ajudá-la no escritório. Depois de dois anos trabalhando com ela descobri que era aquilo que eu queria. Ao vir para o Etapa, já queria Direito. Mas quando entrei aqui abriram-se várias outras portas para mim. Jornalismo era uma opção muito forte, Relações Internacionais também. Com o acompanhamento psicopedagógico que tive no colégio descobri que realmente era Direito. Decidi mesmo no 3º ano.

Como foi seu início na São Francisco?

Foi um choque de realidade. Primeiro, o fato de ser uma instituição pública e bastante aberta. Segundo, entrei no período noturno e nunca tinha estudado à noite. Meu ritmo de estudos virou de ponta-cabeça, demorei uns seis meses para me adaptar. Terceiro, lá acontecem muitas coisas ao

mesmo tempo, eu queria participar de tudo e não dava. Eu tinha a sensação de que estava perdendo muita coisa.

Como se desenvolve o curso de Direito na São Francisco?

Quando eu entrei tinha acabado de ser aprovado o novo currículo. Antes tinha um ciclo básico e depois você escolhia a área que queria e fazia as matérias dentro dessa área. Era aquela grade fechada. Hoje, no primeiro semestre do 1º ano, a grade é fechada, não tem nenhuma optativa, mas no segundo semestre já tem eletivas para escolher. E o número de eletivas vai aumentando ao longo dos semestres. O 5º ano inteiro é só de eletivas.

O que você teve de matérias em cada ano do curso?

No 1º ano as matérias básicas são Direito Romano, Introdução ao Direito Privado, Direito Penal e Direito Constitucional. No segundo semestre tem Filosofia do Direito, Introdução ao Estudo do Direito, umas matérias mais teóricas. No 2º ano tem Direitos Fundamentais e a partir daí não tem mais matéria obrigatória nessa área. No 2º ano você ainda tem matérias bastante teóricas, Sociologia, Lógica e Metodologia Jurídica. Você começa a ter Teoria do Processo. As matérias que antes eram introdutórias passam a ser um pouco mais específicas. No 3º ano tem Direito Financeiro, no 4º ano, Direito Tributário. Só Penal e Civil continuam até praticamente o final.

ENTREVISTA

Carreira – Direito

1
ARTIGO

Embrapa amplia banco genético

7
PARA PENSAR

Dourar a pílula

7
CONTO

A desejada das gentes – Machado de Assis

4
ENTRE PARÊNTESES

O caracol teimoso

7
ESPECIAL

Vida de vestibulando

8

Por qual área você optou?

Como eu não tinha certeza de que área queria seguir, peguei várias áreas, mas geralmente com o foco em Direito Civil. Gosto muito de Direito dos Contratos. Gosto bastante também de Propriedade Intelectual, uma área que estuda marcas e patentes, direito do autor, direito da imagem.

O que você fez no 2º ano?

Vivi a faculdade como nunca. Fui representante discente, fazia parte de um grupo de 30 alunos que representavam os alunos perante os órgãos da faculdade. Além disso, entrei no grupo de Filosofia do Direito Internacional do NEI, Núcleo de Estudos Internacionais. Eu queria estudar Direito Internacional logo e ver se gostava. A gente se reunia uma vez por semana, lia muito e discutia os textos. Fiz um semestre só de NEI. No segundo semestre eu me inscrevi em mais um grupo de estudos, ABCINT [Grupo de Estudos em Arbitragem e Contratos Internacionais]. Arbitragem é um ramo do Direito que existe desde 1996, só que a área não é muito desenvolvida no Brasil. Eu me interessei porque meu professor de Teoria Geral do Processo atua em arbitragem e levou esse assunto à sala de aula. A gente não tinha essa matéria. No ABCINT eu descobri a existência de uma competição que envolve arbitragem em contratos de comércio internacional.

Como é essa competição?

É uma competição criada por um professor da Pace University, dos Estados Unidos. Ele teve a ideia de juntar acadêmicos de Direito que se interessassem pelo assunto arbitragem e se especializassem nisso para competir. Dessa competição participam mais de 280 universidades, entre elas as melhores do mundo. Do Brasil, participam todas as faculdades públicas do eixo centro-sul e várias particulares. A preparação para a competição durou de agosto do meu 2º ano até abril do 3º ano. Em abril a gente foi para Viena, onde acontece a competição. Nós éramos oito. Só conseguimos cobrir os gastos porque teve patrocínio de escritórios particulares. Foi uma experiência incrível.

Vocês se prepararam onde?

No Brasil, treinamos em São Paulo e Curitiba. Antes de irmos para Viena, fizemos uma prévia da competição em Budapeste, um treinamento. Ficamos nove dias em Budapeste e depois sete dias em Viena. Desses sete dias, cinco foram de competição e dois de descanso.

Você estava no início do 3º ano na São Francisco. Como foi esse ano na faculdade?

No 3º ano eu aprofundei aquilo de que já gostava, com várias optativas, e comecei a estagiar. Como a competição tinha sido bastante desgastante, ao voltar para a São Francisco dei uma pausa nas atividades extracurriculares. Fiquei maio, junho e julho descansando. No segundo semestre comecei a estagiar.

Onde?

No Comitê Brasileiro de Arbitragem [uma associação que trata de métodos não judiciais para solução de controvérsias].

Quanto tempo ficou nesse estágio?

Seis meses. O semestre inteiro. E o que seria meu 4º ano foi fora, em intercâmbio na Alemanha. Este ano agora seria o 5º de graduação, mas devido ao ano que passei na Alemanha estou no 4º.

Como conseguiu o intercâmbio na Alemanha?

Fui por um programa patrocinado por uma instituição alemã, DAAD [Deutscher Akademischer Austauschdienst – Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico], responsável pelo intercâmbio de estudantes e cientistas para a Alemanha. A bolsa deles não é integral, minha mãe teve de ajudar com uma parte dos custos. Mas eles cobrem boa parte dos nossos gastos lá.

Na Alemanha, você ficou em qual faculdade?

Fiquei na Universidade de Munique Ludwig-Maximilians, mais conhecida como LMU. Existem três universidades em Munique e essa é a melhor em Humanas.

Você foi direto para Munique?

Sim. Fiquei lá de fevereiro do ano passado a fevereiro deste ano. Em fevereiro e março a gente teve um curso de alemão e em abril começaram as aulas. Junto com a faculdade começou outro curso de alemão, voltado para Direito, um Alemão jurídico. Foi o DAAD que pagou. O semestre na Alemanha foi de abril a 20 de julho. Eles têm um calendário, são três meses de aula e três meses de férias. Nesse período de férias, o DAAD pagou também para a gente um curso preparatório para um teste de proficiência em alemão. Retomei o curso na LMU de outubro a fevereiro.

Você estudava com alunos alemães ou ficava só junto a intercambistas?

Era bastante interessante o programa do DAAD porque ele era misto. No primeiro semestre, de abril a julho, pudemos escolher todas as matérias que queríamos fazer. Liberdade total. Fiz aula com os alemães. No segundo semestre mudou o programa. Eu fiz matérias só do mestrado em Direito Alemão. Aulas só com estrangeiros. O estudante alemão não precisa fazer. Terminou a faculdade, ele já sai com diploma de mestre.

Você voltou para São Paulo há quanto tempo?

Há três meses.

Qual foi a importância do intercâmbio na sua formação?

Foi um ano de autoconhecimento, quando comecei a questionar o que eu quero para o meu futuro. Abriu para mim a possibilidade de trabalhar fora, que antes era bem remota, hoje vejo que não é tão impossível assim. Também me abriu a cabeça para investir em mestrado internacional. Existem dois tipos de mestrado para quem faz Direito. Um mestrado

acadêmico e um mestrado voltado para a prática da advocacia. Mestrado acadêmico é o que a São Francisco oferece. No exterior existe um segundo modelo de mestrado, que se chama LL.M. [*legum magister*, ou, em inglês, *Master of Laws*]. Dura menos tempo e é mais focado. Penso em fazer em Londres.

Você tinha contato com a língua alemã antes desse intercâmbio?

No final do meu 1º ano no colégio comecei a fazer. Só que parei no 3º ano. No 3º ano de colegial não fiz nada porque era muito puxado. Retomei quando entrei na faculdade.

Você está estagiando novamente?

Estou. No escritório Lilla, Huck, Otranto, Camargo Advogados. Ele é de médio a grande porte, lida com muitas causas internacionais. Dentro de suas várias áreas tem a de Arbitragem.

Qual é a importância do estágio?

Acho extremamente importante para um estudante de Direito ter contato com a prática. Não importa onde, seja no gabinete de um desembargador, seja num escritório. A prática faz ver a realidade e também se é aquilo que você quer.

Como está o campo de trabalho na área de Direito?

Tem muita gente procurando estágio ou emprego. Muitos não conseguem. Obviamente, para quem fez São Francisco ou outra faculdade de ponta é mais fácil. Quando você fala que fez USP, as portas se abrem. Só que as portas são abertas de acordo com a disponibilidade de vagas. Eu senti essa dificuldade procurando o atual estágio. Eu tinha uma lista de escritórios onde eu queria trabalhar. Este era o terceiro. Os dois primeiros não tinham vaga. Eles até queriam, falavam que tinham se interessado muito pelo meu currículo, mas no momento não conseguiam me contratar. Mesmo com um currículo acima da média, ainda assim foi difícil conseguir estágio.

Qual é sua preocupação para este final de curso?

A prova da OAB, a efetivação no estágio e a tese de conclusão de curso, o TCC. Quero fazer uma tese decente, um trabalho que tenha valor acadêmico, que eu possa mostrar para outras pessoas. Quero me consolidar no estágio, quero passar na OAB de primeira. E estudar para o vestibular de novo, porque quero prestar Ciências Sociais na USP. Mais como uma realização pessoal.

Você vai emendar Direito e Ciências Sociais?

Quero emendar porque tenho de aproveitar enquanto ainda estou nesse pique. Seria uma faculdade que eu faria bem

tranquila, porque eu quero aprender mesmo, não quero passar atropelando tudo.

Como você se vê daqui a uns 10 anos?

Gosto de me imaginar trabalhando num escritório internacional em Sidney, na Austrália. Eu sou uma pessoa que pensa muito no futuro. Eu me programo muito porque gosto de ter metas. Meus planos são concluir a São Francisco, cursar Ciências Sociais, continuar trabalhando num escritório no Brasil, consolidar um pouco minha carreira aqui, me tornar conhecida pelo menos na minha área e ir para Londres fazer o LL.M. Depois, procurar um escritório estrangeiro, trabalhar fora. Eu pensei numa cidade que tem praia e que seja num país desenvolvido, que não tenha tanta violência, com qualidade de vida boa e clima não muito diferente do nosso. Falando língua inglesa também. Gosto do alemão, quero continuar estudando, mas tenho mais habilidade no inglês.

Como você avalia a experiência de estudar Direito na São Francisco?

É um orgulho. A São Francisco tem 187 anos e carrega a marca de todos aqueles que passaram por lá. E é uma responsabilidade muito grande também. Dá muito orgulho colocar no meu currículo que eu faço Direito na Universidade de São Paulo. Não sei se teria a mesma boca cheia para falar se estudasse em outras faculdades. Viver a São Francisco é viver além da sala de aula.

Além de preparar sua formação nas diferentes matérias, no que mais o Etapa ajudou você?

Uma coisa curiosa: estava arrumando minhas coisas e descobri um papel com uma lista de convênios internacionais que a Faculdade de Direito tinha, entre eles o de Munique. Esse papel era do Etapa, veio daqui, da época em que tive meu acompanhamento pedagógico no 3º ano. Outra coisa que destaquei foram algumas atividades extracurriculares. Participei do Clube de Leitura e do Clube de Cinema. Também do coral, do Etapa Jam e da Gincana Cultural.

Você ainda tem amigos do Etapa?

Tenho alguns que eram da minha sala, mas meus melhores amigos são aqueles que fiz por causa da música, por causa do coral ou por causa do Clube de Leitura.

O que você diria a quem vai prestar Direito no final do ano?

Primeira coisa: você pode. Eu saí de uma perspectiva quase nula de passar na USP para um futuro na USP. Todo mundo é capaz de conseguir, basta se esforçar. Basta estudar e identificar suas fraquezas, investir nelas. Acho essencial.